

## A difusão intercontinental das plantas pelos Emigrantes insulares

M. Eugénia Soares de Albergaria Moreira<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Desde o seu aparecimento na Terra, o ser humano contribuiu para a difusão das plantas, inconsciente, ou conscientemente. A sua capacidade de difusão depende da sua própria mobilidade, facilitada pela descoberta e pelo aperfeiçoamento progressivo dos meios de transporte, que lhe permitiram as viagens marítimas e aéreas, e, conseqüentemente, a sua diáspora intercontinental.

A revolução neolítica, assente na descoberta da agricultura, expandiu-se com o transporte de sementes e outros diásporos, pelos povos nómadas ou seminómadas. Então, pretendia assegurar-se a sobrevivência, verificando o valor alimentar ou medicinal, ou mesmo ritual, de determinadas espécies. Pelos mesmos motivos, e pela curiosidade e mira económica, durante milénios, os viajantes, pelo mundo recolheram sementes, estacas, mudas e plantas adultas, que traziam. Quando pretenderam fixar-se em terras diferentes, povoadas ou não, transportaram para elas os seus hábitos culturais, e, para os satisfazer, as espécies que conheciam e cujo cultivo dominavam. Instalavam-nas bem perto da casa de habitação, em quintais cercados, protegidas de animais e ladrões, como qualquer outro haver. Foi assim que aconteceu na história da expansão humana, e que ainda acontece.

Satisfeitas as necessidades vitais primárias, as civilizações sedentárias mais ricas criaram o culto do supérfluo, para satisfação de necessidades mentais, sobretudo destinadas ao prazer do espírito, através dos estímulos sensoriais. Para isso, tornou-se necessário o embelezamento do espaço vital, e os jardins privados surgiram, em pátios interiores ou à volta da habitação, concentrando cores, perfumes e sons, e, de preferência, espécies exóticas sem outro valor que o ornamental. O jardim como espaço de deleite pessoal, pode, pela raridade e pela exuberância da flora, ser tão sumptuoso que constitua um símbolo exterior de riqueza.

Para as comunidades imigrantes de fracos recursos económicos, pelo menos quando chegam ao país de acolhimento, o novo espaço vital pretende manter a ligação simbólica com o lugar de origem, reunindo, o mais possível, elementos da paisagem atávica. Quando os povos emigram definitivamente, como acontece com os insulares, a sensação de perda telúrica potencializa o desejo de recriação do espaço perdido, transformado em mito.

---

<sup>1</sup> Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

O espaço perdido, a ilha, que até à partida não fora paraíso, transforma-se, então, e ao longe, no paraíso perdido, o espaço mental que conserva o quadro paisagístico, as raízes, e a identidade cultural, a preservar durante gerações. Assim se entende que, gerações já nascidas nos países de acolhimento, mantenham a preferência de cultivar espécies ornamentais trazidas das ilhas, quando seria muito mais simples, cómodo e económico, adquirir outras espécies nos mercados locais.

O arranjo dos quintais e jardins, e o embelezamento exterior das habitações com trepadeiras e flores, constitui um valor de preservação paisagística que é potencializado pela origem rural das populações. Tal como a vedação da propriedade privada.

O objectivo deste trabalho é analisar em que medida os emigrantes das ilhas dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, que se fixaram nos continentes americanos, africano e australiano, contribuem para a diversificação florística dos lugares onde vivem, e, até que ponto as espécies vegetais que importam e cultivam nos espaços verdes das suas habitações permitam identificar a sua origem geográfica. Para outra oportunidade reserva-se o fenómeno complementar, até mais significativo, que consiste no seu contributo para aumentar a fitodiversidade das ilhas de origem, quando trazem as plantas exóticas que conheceram nos lugares de acolhimento e as introduzem nos jardins insulares. Os emigrantes madeirenses são, por excelência, os que mais enriquecem os seus jardins em espécies exóticas provenientes da Venezuela e da África do Sul.

#### METODOLOGIA

Foi reunida informação sistematizada sobre espaços verdes de moradias de açorianos, e seus descendentes, fixados nos Estados Unidos, em Fall River e nos arredores de Boston (Massachusetts), ou em San Jose (Califórnia), e de madeirenses, fixados nos arredores de Johannesburg (República da África do Sul) e de Sydney (Nova Gales do Sul, Austrália).

A estes dados foram acrescentados outros, recolhidos por curiosidade em outras cidades e, portanto, não sistemáticos, mas com interesse para o facto em estudo. É o caso das informações pontuais de jardins e jardins-quintais de açorianos e seus descendentes que vivem em Toronto (Ontário, Canadá) e de madeirenses residentes em Caracas (Venezuela). Com a comunidade açoriana de Boston que foi estudada, vivem algumas famílias de imigrantes caboverdeanos, de cujos espaços verdes foi recolhida informação sobre a diversidade florística, por conter espécies geograficamente discriminantes, como a mandioca e a cana-do-açúcar, cultivadas na Nova Inglaterra, ao ar livre, mas em vasos que são recolhidos em Setembro, logo que as temperaturas baixam (Quadro I, algarismos entre parêntesis).

Quadro I – Frequência e superfície aproximada das áreas verdes das propriedades estudadas, e das espécies florísticas cultivadas ao ar livre, com indicação do número de espécies discriminantes da origem geográfica dos proprietários.

	Boston	Fall River	San Jose	Johannesburg	Sydney	Toronto	Caracas
Nº casas	17Aço (4 Cv).	21	20	15	4 Mad. 2 Açor.	4	4
Nº espécies Min-Max	10-28 (5-8 Cv)	8-15	17-39	25-56	13-23	2-5	12-34
Nº espécies Discriminantes Min-Max	2-5 (0-3 Cv)	2-6	2-7	4-8	3-4	0	2-5
Área (m2) Min-max	55-250 -	35-600	250-1500	200-25000	50-1000	500-900	150-200

Em cada habitação foi analisada a ocupação do solo, e feito o levantamento florístico dos jardins (da frente, laterais ou das traseiras), jardins-quintais e quintais, alegretes, floreiras e vasos (de janelas, varandas, escadas e paredes exteriores), desde que situados ao ar livre, isto é, dependentes das condições climáticas locais, apenas alteradas no fornecimento de água pela rega, ou na cobertura com folhada e cascas de pinheiro, para proteger do gelo, no inverno. Todavia, também foram consideradas, em todos os jardins, as espécies de permanência exterior sazonal, uma prática de aclimação adoptada na jardinagem de todas as regiões submetidas a períodos de intenso *stress* biológico em que são facilmente atingidos os limites letais, térmicos ou higrométricos (invernos ou verões rigorosos). Acrescente-se o facto de as plantas cultivadas serem escolhidas pelos proprietários.

Foram utilizados dados de levantamentos florísticos directos - uns propositadamente realizados para este trabalho, outros já recolhidos há alguns anos - e levantamentos indirectos, através de inquéritos e descrições enviadas pelos proprietários. Da informação contida no quadro I, verifica-se que as comunidades açorianas nos Estados Unidos da América são as melhor documentadas, não só pela frequência com que foram visitadas, mas graças aos esforços dos clubes locais, que recolheram muita informação, em especial, relativa às actividades económicas e culturais dos imigrantes.

## OS JARDINS DAS COMUNIDADES AÇORIANAS NOS ESTADOS UNIDOS

Integradas em espaço urbano, em regra geral, as propriedades são pequenas, e os espaços verdes à volta da casa, também (Quadro I). Os proprietários, de origem rural, independentemente da nova profissão, cuidam de todo o trabalho no seu espaço verde, desde a preparação do solo, sementeira ou plantio, rega, e monda, à colheita e preparação para a invernada. Recorrem a vizinhos da mesma comunidade para a poda das árvores e arbustos, e aconselham-se com os mais entendidos. Raramente as mulheres participam nos trabalhos pesados da amanhã do solo, da monda ou da rega, como é tradição nas ilhas de origem. Também não participam nas sementeiras, a não ser as que são feitas em tabuleiros, dentro de casa. As mais participativas escolhem, nos catálogos publicitários, as sementes de legumes e flores. Muito frequentemente recebem sementes caseiras dos Açores, a que se juntam, mais raramente, bolbos enviados pelos amigos ou pelos familiares. Destas sementes destacam-se a pimenta-malagueta e a de corno-de-cabra (de picante apurado), a acafroa (ou cártamo, *Carthamus tinctorius*), o funcho, os capuchos (ou tomates-de-capucho - *Physalis peruviana*) e o goivo-de-cheiro (singelo). Dos bolbos, mais difíceis de enviar, por restrições sanitárias, os de açucenas-brancas (*Lilium longipetalum*), e de cravos-de-esperança (*Nerine sarniensis*), são os mais requisitados, por se destinarem, respectivamente, à ornamentação dos altares da Virgem e às cerimónias litúrgicas de Maio, e, no caso dos cravos-de-esperança, ao culto dos Finados. E, se na Califórnia florescem a tempo de cumprir o calendário das festividades a que se destinam, na Nova Inglaterra isso raramente acontece ao ar livre, sobretudo os cravos-de-esperança (oriundos do Cabo, na África Austral), porque em fim de Outubro a luz e a temperatura já não o permitem. As açucenas (*Amaryllis belladonna* - beladonas, despedidas-de-verão ou meninas-para-a-escola, consoante as ilhas), são a outra espécie cujo bolbo é muito solicitado, e muito enviado para as comunidades da Califórnia, onde floresce no fim de Agosto, bordeando as vinhas, os caminhos e os alegretes. Tal como nos Açores, aqui, também enfeitam e perfumam as igrejas durante a tradicional missa de acção de graças pelas boas colheitas agrícolas.

As bolbosas ornamentais referidas são, a par dos goivos-singelos brancos (também ligados às festas religiosas de Maio), da açafroa e dos capuchos, consideradas como discriminatórias de jardins de imigrantes insulares (açorianos e madeirenses). Delas,

os cravos-de-esperança, a açafroa e os capuchos, discriminam os jardins e quintais dos açorianos dos dos madeirenses. Embora os cravos-de-esperança se cultivem na Madeira (onde foram os madeirenses que as introduziram), não fazem parte da tradição de Finados, dominada pelas cêssias e pelos crisantemos. A açafroa, cujos estames secos são usados como condimento, é exclusivamente cultivada nos quintais dos emigrantes açorianos. Ressalve-se que, na Europa, os imigrantes turcos e macedónios, também a cultivam.

Outras espécies, arbustivas, que evocam espaços verdes açorianos, são as hortênsias azuis e brancas, e as azálias singelas, perfumadas, de cor ciclame, rosada ou branca (*Rhododendron mucronatum*). No entanto, umas e outras são comuns nos jardins de antigas mansões inglesas, frequentes nas cidades da Nova Inglaterra, mas que, pela localização, arquitectura e imponência, se distinguem facilmente das casas dos bairros mais modestos das comunidade de imigrantes portugueses.

As características climáticas locais influenciam a diversidade florística, e mesmo o estilo do jardim e da habitação, entre as comunidades açorianas de Massachusetts e da Califórnia. Porém, as espécies discriminantes conservam quase a mesma frequência (Quadro I), acrescentando-se, em San Jose, a cultura do inhame (*Colocasia esculenta*), muito difundida por gentes saídas das ilhas de S. Miguel, S. Jorge e Pico.

### Na comunidade de Boston

Esta comunidade vive nos subúrbios industriais de Boston, e reúne imigrantes irlandeses, açorianos e caboverdeanos, que vivem num bairro modesto.

As 17 casas cujos espaços verdes foram inventariados, são todas pertença de micaelenses ou de seus descendentes, em duas gerações luso-americanas que procuraram conjuges noutras comunidades açorianas das vizinhanças e, sobretudo, na ilha de S. Miguel. Habitam casas pequenas e confortáveis, apesar de exíguas para o número de moradores que alojam. Os jardins e os quintais também o são (Quadro I). Em quase todas, o jardim restringe-se a uma faixa estreita de relvado na frente da casa, e o quintal corresponde a outro relvado, interrompido por canteiros de horta, debruados por flores de corte, tal como os alegretes que rodeiam as casas. Do bairro, estas são as casas com aparência exterior mais cuidada, apesar de não serem as maiores.

Nos alegretes que contornam a maior parte das casas, cultivam-se roseiras trepadoras, por vezes armadas em pérgolas, como nas ricas mansões de tradição inglesa; com elas alternam azálias, coníferas anãs e arbustos caducifólios dominados por cornácias nativas. Ainda nos alegretes crescem bolbosas sazonais cujas florações se sucedem de Março a Agosto, com junquinhos e narcisos prevernais, lírios roxos e brancos, iris amarelas, gladiólos e açucenas brancas.

Do relvado do jardim frontal, emergem arbustos caducifólios, quase sempre topiados, e envolvidos por mato denso com plantas de flores coloridas, como peónias e petúnias rasteiras. Até nos alinhamentos que dividem as propriedades, as azálias e as hortênsias alternam com roseiras de várias alturas. No quintal, nos canteiros de horta cultivam-se alhos, cebolas e pimenteiros, destacando-se malaguetas e pimentões, tomateiros-de-cachinho (nome açoriano do tomate-cereja), couves, nabos-amarelos, e plantas de cheiro, como a salsa, o poejo e o manjeriço. Todo o conjunto é debruado por plantas para flor de corte, onde estão presentes as açucenas, os gladiólos e os goivos brancos, que se destinam a enfeitar os altares caseiros e os da igreja.

Os homens mantêm a tradição de pequenos agricultores, e depois da reforma das fábricas, ocupam-se de todos os trabalhos de jardinagem e cultivo da comunidade, com grande solidariedade. Decidem sobre as espécies a cultivar, alimentares e ornamentais,

adubam o solo, armadilham a horta contra os roedores (com desprimor dos vizinhos irlandeses), e orgulham-se de serem considerados os melhores jardineiros da região, pelas restantes comunidades. Talvez a eles se deva a elevada riqueza florística dos espaços verdes da comunidade açoriana, em comparação, por exemplo, com a pobreza das comunidades caboverdeana e irlandesa, do outro lado da rua (Quadro I).

### Na comunidade de Fall River

Na periferia ocidental da cidade, onde os açorianos são muito frequentes, analisou-se um quarteirão onde reside uma comunidade em que todos são açorianos de nascimento ou de origem. Contaram-se 18 casas de imigrantes oriundos de S. Miguel (2 já com todos os habitantes nascidos nos EUA), 2 de terceirenses, e uma de picarotos reformados, donos de uma mercearia que costuma vender peixe fresco, lapas e cracas, importadas dos Açores, e que funciona como ponto de reunião social, ao fim da tarde.

As casas são próximas umas das outras, com pequenos relvados frontais de onde emergem raras árvores ou arbustos isolados e moitas de herbáceas sazonais. Nos alegretes alinham-se arbustos, flores e trepadeiras. Os quintais são separados por sebes que, por vezes, se estendem até aos jardins, separando bem as propriedades. Frequentemente estas sebes dos quintais são feitas com silvas-de-amora (cultivares de *Rubus ulmifolius*), para evitar a intrusão de animais selvagens (em especial os cães-da-pradaria) e para produção dos frutos, que, no verão, são colhidos e conservados em aguardente (a aguardente de amora é tida como medicinal). Outras vezes, a separação entre os jardins das casas vizinhas é feita com canteiros de flores (que no inverno não se vêem). Em duas habitações com aparência mais abastada, os jardins são separados por muretes de pedra muito baixos (menos de 30 cm de altura), aos quais encostam alinhamentos de hortênsias, azálias e rododendros, espécies muito frequentes em todas as casas.

Nas traseiras quase todo o espaço é ocupado por canteiros de legumes e de flores. As flores de primavera-verão debruam, em renques, os canteiros de horta, e os “cheiros” encostam-se às paredes da casa, em alegretes estreitos. Também cultivam fruteiras, sobretudo ameixeiras e noqueiras-americanas (*Juglans nigra*). A neve e o frio invernal não lhes permite cultivar loureiros e limoeiros, ao ar livre, mas em algumas casas eles surgem por trás das janelas, em vasos transumantes que passam a primavera e o verão no quintal.

Só os homens trabalham no quintal e no jardim, em regra durante os fins de semana. Usam fertilizantes e armadilhas legais e ilegais, mas vão soltar os animais capturados na floresta circundante. Trocam e vendem, entre si, os produtos da horta e do jardim-quintal, e oferecem os mais apreciados nos hábitos insulares, como a pimenta-malagueta, o poejo, o cebolinho e as amoras. No jardim, entre outras espécies, cultivam flores brancas (açucenas, goivos e malmequeres) para as referidas festas religiosas.

A fitodiversidade é fraca. Para isso contribui, em muito, a exiguidade dos espaços verdes e o clima. A maior diversidade observa-se nos elencos das espécies ornamentais, não só porque a oferta de legumes e frutos frescos, no mercado, é grande, mas também porque os açorianos tendem a ser conservadores na sua dieta alimentar.

### Na comunidade de San Jose

A comunidade açoriana de San Jose, na Califórnia, é muito numerosa e dispersa, e, em regra, não é tão fechada e tão tradicionalista como as da Nova Inglaterra. No entanto, cultivam-se as tradições ilhéuas, de que se faz gala nas reuniões sociais. A proximidade de culturas latino-americanos, mais próximas que as anglossaxónicas, e a amenidade do

clima, facilitam a assimilação de estilos arquitectónicos que facilitam o convívio exterior (habitações com terraços coloniais), e, conseqüentemente, estimulam o arranjo estético do espaço envolvente. O clima convida à construção de piscinas, que, mesmo assim, só ocorrem em 20% das propriedades estudadas.

As 20 casas de que dispomos levantamentos florísticos, localizam-se na cintura agrícola da cidade de San Jose, onde trabalham os seus habitantes, provenientes das ilhas de S. Jorge (11), do Faial (6), e do Pico (3). Imigrados desde 1945, quase todos são nascidos nos Açores, casados com açorianas/os, mas com filhos e netos já nascidos nos E.U.A.. No mesmo bairro vivem hispânicos, italianos e americanos, que convivem bem entre si, apesar da tendência endogâmica dos açorianos.

As casas são grandes, rodeadas por relvados e espaços com arvoredo denso, onde dominam árvores de sombra e de fruto, arbustos decorativos e canteiros de flores. São limitados por sebes de hortênsias ou de arbustos ornamentais perenifólios, ou muretes rasteiros com alegretes de flores de que se destacam as conteiras (*Hedychium gardnerianum*), cujos rizomas vêm dos Açores, as açucenas-brancas e cor-de-rosa, as gerberas e os gladíolos. As conteiras, originárias do Japão, e cultivadas nos Açores (onde se tornaram invasoras), foram introduzidas na Califórnia por micalenses. As glicínias são frequentes, como trepadeiras dos pilares que suportam os alpendres. Os espaços hortifrutícolas são amplos e têm aparência de jardins (jardins-quintais), com pouca relva, partes empedradas com tijolo e limitadas por canteiros de flores de corte e canteiros de horta regada, onde se cultivam espécies da ementa alimentar açoriana, como batata-doce, inhame, nabo-amarelo, feijão para colher meio-maduro, abóboras, pimenteiros e capuchos, espécies de cheiro (ourégãos – *Origanum vulgare*, poejos- *Mentha pulegium*, e loureiros – *Larus nobilis* e *L. azorica*), citrinos e muitas outras fruteiras, e vinha (americana), estendida ou em latadas. Chegam a produzir vinho de cheiro, que anima as reuniões sociais, onde não faltam produtos da terra, como peixe fresco (chicharro-miúdo) e marisco (cavacos, lapas e cracas) dos Açores.

Os jardins diferem dos das restantes casas das outras comunidades vizinhas, pela existência de sebes, tal como acontece na Nova Inglaterra, pela raridade das piscinas (presentes em todas as casas dos americanos e em mais de 50% das dos italianos), e pela grande densidade e variedade de árvores e de flores, em detrimento dos relvados abertos e dos alinhamentos de palmeiras. É cuidado pelos donos, especialmente pelos homens. O quintal, inicialmente domínio só do trabalho masculino, actualmente é repartido pelos elementos femininos, na escolha das espécies, na rega, na limpeza, e na colheita dos produtos. Porém, os vasos de plantas que ornamentam as varandas e os alpendres, que são ocupação da mulher, têm begónias e fetos-da-terra (vindos dos Açores), orquídeas, arruda (*Ruta chalapensis*) e alecrim (*Rosmarinus officinalis*), estes últimos para proteger do mau olhado.

## OS JARDINS DA COMUNIDADE MADEIRENSE DE JOHANNESBURG

Em três visitas foram estudados os espaços verdes de 15 casas, das quais 5 dentro da cidade, e 10 no limite da cidade de betão. Todas são pertença de famílias madeirenses que vivem do comércio e/ou da agricultura, ou que são empregados em indústrias alimentares e em serviços.

Distinguem-se três tipos de propriedades. As urbanas, onde habitam os empregados por conta de outrém, são muito pequenas e isoladas por vedações defensivas, que limitam estreitos relvados com árvores de sombra e canteiros de flores. Nos alpendres trepam buganvíleas e alinham-se fiadas de vasos com orquídeas, begónias e fetos. Não fossem as altas vedações, e poder-se-ia apresentá-las como casinhas das encostas madeirenses.

As casas do limite urbano, de comerciantes, são grandes, com piscina e vários anexos, semelhantes às casas coloniais holandesas, recuadas num relvado amplo com árvores de sombra, e também decoradas com trepadeiras floridas, de espécies nativas e importadas da América do Sul. Todo o espaço da casa, jardim e quintal é vedado por muros de pedra alteados por placas de metal, com sofisticados sistemas de segurança. As propriedades maiores ultrapassam 5000 m<sup>2</sup>, e os jardins ocupam uma grande área, envolvendo a piscina. Árvores ornamentais africanas, americanas e mesmo macaronésicas (til – *Ocotea foetens*), dispersam-se pelo jardim, sombreando canteiros de flores onde dominam as espécies sulafricanas. Os quintais encontram-se mais afastados da casa, mas no arranjo assemelham-se ao jardim, porque as hortas se misturam com o pomar, e com canteiros de floricultura destinada ao mercado local. Aqui se misturam espécies de várias latitudes e continentes, como batata-doce, inhame e milho-híbrido americano, bananeiras, cerejeiras, figueiras, papaieiras e anoneiras, e os cheiros típicos da segurelha (*Satureja hortensis*) e dos ourégãos.

Outras casas desta periferia, com grandes áreas de terreno, pertencem a famílias que se dedicam à produção de hortícolas e flores, que vendem no local ou em lojas no centro da cidade. As casas são grandes e confortáveis, sem serem luxuosas, e o espaço ajardinado é diminuto em favor do espaço agrícola, onde, por entre os canteiros de legumes aparecem fruteiras dispersas. Algumas têm piscinas, mas na maioria, o tanque de reserva de água agrícola serve de piscina. O elenco florístico é semelhante ao das anteriores no que se refere às alimentares, mas muito mais pobre em ornamentais. Saliente-se que em duas casas são cultivados massarocos (*Echium candicans*), introduzidos no Mpumalanga (Transval, R. A. Sul) por madeirenses.

Com excepção dos comerciantes abastados, o proprietário trabalha na agricultura, ajudado por trabalhadores assalariados. Em todas, as mulheres cuidam das flores envasadas, como se tratasse de um dever a cumprir. Também aqui são raros os casamentos com não madeirenses, mas frequentes os descendentes nascidos na África do Sul.

As diferenças entre estes espaços verdes e os dos sulafricanos vizinhos, consistem na elevada densidade de árvores e arbustos e na quantidade de canteiros com flores, para além da carência em equipamentos de lazer, como *courts* de ténis, minigolf e *cricket*. Espécies alimentares como a marcela e a segurelha, ausentes nos elencos dos sulafricanos, funcionam como espécies discriminatórias.

## OS JARDINS DE CASAS DE IMIGRANTES MADEIRENSES E AÇORIANOS NA AUSTRÁLIA

Não se trata propriamente de comunidades, mas de 6 casas de famílias de imigrantes recentes (20 anos), 4 vindas da ilha da Madeira e 2 da ilha de S. Miguel, nos Açores. A aproximação durante a viagem entre Lisboa e Sydney fê-los sócios de uma pequena oficina de reparações automóveis que estabeleceram junto às residências, nos arredores de Sydney, na estrada do aeroporto, num bairro de imigrantes balcânicos. São casas simples, pequenas, arquitectonicamente semelhantes, com pequenos alegretes floridos à frente e quintais atrás. Todo o espaço envolvente parece comum, sem vedações, mas é isolado por uma sebe arbustiva de pica-rato (*Grevillea rosmarinifolia*) do espaço dos vizinhos gregos, também ilhéus. Logo na entrada exterior, distinguem-se as casas dos madeirenses, com muitos vasos de orquídeas marcando os degraus, enquanto as dos açorianos ostentam as tradicionais azálias ciclame. Nos alegretes, estrelíceas e hortênsias diferenciam-nos do jardim dos vizinhos mediterrâneos, alegrados por gerânios e roseiras. E em todos, são os homens que se ocupam do jardim e do quintal, onde os limoeiros e as laranjeiras sombreiam arbustos e ervas aromáticas que todos consomem. As restrições de importação de plantas, e o rigoroso

contrôlo da fronteira, com revista aleatória dos viajantes e seus bens, dificulta a difusão das espécies das ilhas para o continente australiano. Por isso, apenas sementes são levadas.

### EXEMPLOS DE JARDINS DE OUTRAS COMUNIDADES MADEIRENSES E AÇORIANAS NA VENEZUELA E NO CANADÁ

A comunidade de madeirenses na Venezuela é numerosa, e o fenómeno da difusão de plantas alimentares e de ornamentação está presente, como acontece nas casas de Johannesburg; assim se verificou em 4 casas de pequenos comerciantes madeirenses residentes em Caracas. Na profusão de verdura dos jardins privados de alguns bairros desta cidade, os jardins das casas madeirenses passam despercebidos. Apesar da dimensão, a arquitectura de herança colonial espanhola, não deixa muito espaço para quintais, dentro da cidade. Mesmo assim, por entre trepadeiras e frangipanis (*Plumeria* sps.), a famosa segurelha e a marcela, exclusiva das casas madeirenses, encontra espaço em alegretes e floreiras.

Contrariamente aos exemplos até agora apresentados, em 5 casas de micalenses imigrados há cerca de 20 anos no Canadá, num bairro suburbano de Toronto, o espaço circundante das vivendas não é valorizado com jardins e quintais. Oriundos de famílias de assalariados agrícolas, mas empregados de pequenas indústrias, no Canadá, priorizam a ocupação do espaço envolvente das habitações com grandes piscinas enquadradas em pavimentos desnudos, pontualmente interrompidos por estreitas tiras de relva onde cresce um ou outro arbusto; apenas numa casa existe uma árvore jovem de bordo-prateado (*Acer saccharinum*). Nada exterioriza a origem geográfica destes emigrantes, aparentemente bem integrados na uniformidade e no anonimato suburbano. Admitimos que o minimalismo do espaço exterior destas residências, não comum em outros bairros de antigos imigrantes açorianos no Ontário, se deva a uma necessidade de rejeição do passado pobre, e, também, ao desligamento da ruralidade que as novas gerações suburbanas já trazem dos Açores.

### REMATE

Os dados recolhidos permitem concluir que a tradição rural dos emigrantes das ilhas atlânticas, tal como outras tradições culturais, tende a manter-se, mesmo quando chegados a grandes cidades, e aí integrados em todos os sectores de actividades económicas. A vida em comunidades étnicas, mais ou menos fechadas, e o analfabetismo, para isso contribuem. Porém, nas gerações alfabetizadas acontece o mesmo fenómeno. O vínculo com a ilha natal materializa-se na organização do espaço residencial, exterior (para o homem) e interior (para a mulher), onde tentam recriar as memórias e os afectos dos ambientes deixados, no conforto que as novas condições económicas e as novas civilizações lhes permitem.

A materialização do atavismo ecológico manifesta-se na organização e na ornamentação dos espaços exteriores, em especial no ajardinamento. De tal modo que, através dos jardins e dos quintais, se pode reconhecer a origem geográfica dos imigrantes. Embora a amostragem disponível não seja abundante, podem estabelecer-se padrões da organização destes espaços, e das espécies florísticas que aí se cultivam. São padrões baseados em semelhanças e diferenças das culturas chegadas face às culturas existentes.

Tendo em conta que os países de acolhimento aqui referidos são anglossaxónicos, com excepção da Venezuela, é face às características da organização do espaço exterior das habitações destes povos, que se aferem os padrões criados pelos imigrantes insulares. Assim se conclui que as residências dos imigrante açorianos e madeirenses, nestes países de acolha, se individualizam pela:



- construção de vedações que isolam, dos vizinhos, o espaço privado, mesmo que ele seja um conterrâneo ou um familiar. Com excepção de Johannesburg e de Caracas, onde as condições de insegurança obrigam, a todos, vedações resistentes (muros de alvenaria e metal), são usadas vedações discretas, em especial nos jardins frontais. Sebes arbustivas, alinhamentos descontínuos de arbustos ou de tufos de herbáceas, trepadeiras aramadas, e até muretes muito baixos. As vedações são mais simbólicas do que protectoras.
- individualização do jardim na frente da casa, com elevada densidade de vegetação, e indiferenciação (mais ou menos evidente) do espaço verde das traseiras, chamado quintal, onde se misturam hortícolas, fruteiras e ornamentais.
- elevada diversidade florística, e o cultivo de espécies inexistentes no mercado de venda, porque são trazidas das ilhas de origem. Essas espécies, na sua maioria de plantas ornamentais e aromáticas, típicas de cada região de origem dos imigrantes, constituem elementos de identificação cultural e são indicadoras da origem geográfica dos imigrantes.
- uso, praticamente exclusivo, do trabalho masculino, na criação e manutenção dos espaços verdes exteriores, e do feminino, em todas as tarefas respeitantes às plantas envasadas, exteriores ou interiores.
- carência de equipamentos de lazer, sobretudo desportivos (ténis, *golf*, *volley* e *cricket*).

Estes elementos são suficientes para, quando se conhecem os lugares de origem dos imigrantes, reconhecer, em qualquer parte do mundo, a rota das suas vidas. Porém, uma viragem parece esboçar-se nos novos imigrantes açorianos, já não rurais, mas filhos de rurais, que procuram, no Novo Mundo, uma vida urbana que parece renegar a ligação à terra, ou que, pelo menos pretende, escondê-la.

